

Apropriação e uso de novas tecnologias por idosos portugueses de uma Universidade Sénior

Appropriation and use of new technologies by Portuguese elderly in a Senior University

Propiedad y uso de nuevas tecnologías por los ancianos portugueses en una Universidad de Mayores

Bruna Giovanna Buesso da Silva
Mariele Rodrigues Correa
António M. Fonseca

RESUMO: O presente texto relata uma pesquisa realizada junto a idosos portugueses, com o objetivo de investigar as influências e ressonâncias do aprendizado de informática na sociabilidade dos mesmos. Foram feitas entrevistas com seis idosos participantes do curso de Internet, da Universidade Sénior Contemporânea, na cidade do Porto, em Portugal. Os dados da pesquisa apontam para uma problematização dos vínculos na atualidade, no sentido de atentar para os impactos da internet nos processos de subjetivação nas diferentes idades da vida.

Palavras-chave: Internet; Universidade da Terceira Idade; Sociabilidade.

ABSTRACT: *This paper reports a research carried out with Portuguese elderly, in intended to investigate the influences and computer learning resonances in their sociability. Interviews were conducted with six elderly participants of a Internet course, of the Universidade Sénior Contemporânea, in the city of Porto, Portugal. The survey data point to a questioning of the modern relationships, with special interest to the impact of the internet on the processes of subjectification in the different ages of life.*

Keywords: *Internet; University of the Third Age; Sociability.*

RESUMEN: *Este trabajo reporta una investigación realizada con ancianos portugueses, con el fin de investigar las influencias y resonancias en el aprendizaje por computadora de la sociabilidad de los mismos. Se realizaron entrevistas con seis participantes en el curso de Internet, de la Universidade Sénior Contemporânea, en la ciudad de Oporto, en Portugal. Los datos de la encuesta apuntan a un cuestionamiento de las relaciones actuales, especialmente para prestar atención al impacto de Internet en los procesos subjetivos en las diferentes edades de la vida.*

Palabras clave: *Internet; Universidad de la Tercera Edad; Sociabilidad.*

Introdução

Cada vez mais presentes no cotidiano de pessoas de diferentes idades, as tecnologias digitais, especialmente a informática e a internet, contribuem para a promoção de encontros virtuais, novas sociabilidades e aprendizados. São muitas as ofertas de programas e cursos de Informática voltados para os idosos e há que se ponderar que a inclusão digital, atualmente, é uma meta a ser atingida entre os mais velhos.

A aprendizagem de novas tecnologias apresenta seus desafios e motivações; por isso, nossa pesquisa procurou investigar, junto a idosos que frequentam um curso de informática oferecido pela Universidade Sénior Contemporânea do Porto (Portugal), as influências do aprendizado e manuseio da informática na sociabilidade dos longevos.

No presente texto, discorreremos o percurso e os resultados da pesquisa, levando em conta os aspectos demográficos e psicossociais acerca do envelhecimento da população portuguesa, além de questões referentes à reforma (aposentadoria) no cenário daquele país e uma caracterização da Universidade da Terceira Idade (UTI) portuguesa.

O aumento da expectativa de vida no contexto português tem provocado mudanças no perfil demográfico da população do país. Os dados obtidos a partir da última coleta censitária demonstram crescimento de 9% da população entre 30 e 29 anos e de 26% daqueles com mais de 69 anos. No ano de 2001, o primeiro grupo etário representava 51% da população e agora passa a ser 54%. No caso do segundo grupo, em 2001, ele representava 11%, e nos dados atuais, é 14% de pessoas maiores de 69 anos. Comparando o crescimento da população envelhecida com os jovens, os idosos passaram de 16% a 19%, enquanto dentre os jovens houve uma diminuição de 16% para 15% (INE, 2011).

Assim como na realidade brasileira, em Portugal a população envelhecida é composta majoritariamente por mulheres, principalmente entre o segmento acima dos 85 anos. Tal circunstância é ocasionada por motivos similares aos brasileiros: os homens têm menor expectativa de vida por conta de estarem mais expostos a riscos laborais do que as mulheres e, além disso, a população feminina costuma estar mais atenta a saúde (Marques, 2009).

Atualmente, em Portugal, as pessoas com 65 anos de idade são consideradas idosas, e esta é a idade de entrada ao processo de “reformular-se”, equivalente ao processo de aposentar-se no Brasil. Contudo, de acordo com Marques (2009), não existe uma idade específica em que as pessoas passam a ser chamadas de idosas, e ele se refere a casos em que pessoas de 50 anos já são incluídas no segmento etário da “Terceira Idade”.

Assim sendo, a idade é um fator a ser considerado quando refletimos sobre o envelhecimento. De acordo com Gomes (2014), esse fator pode ser compreendido a partir de três tipologias, a saber, as idades cronológica, social e psicológica. Nas palavras do autor:

(...) A idade cronológica é medida pelas capacidades funcionais ou vitais e pelo limite de vida dos sistemas orgânicos. A idade social refere-se aos papéis e hábitos que o indivíduo assume na sociedade.

A idade psicológica refere-se às capacidades comportamentais do indivíduo em se adaptar ao meio. Esta é influenciada por fatores biológicos e sociais e envolve capacidades como a memória, a aprendizagem, a inteligência, as habilidades, os sentimentos, as motivações e as emoções (...) (Gomes, 2014, p. 19).

A idade é um determinante que estratifica e ordena a compreensão da velhice, juntamente com padrões de expectativas comportamentais criados pela sociedade, a partir do conceito e do estatuto da velhice. Este movimento de estratificação ocorre desde o século XIX, com a emergência das categorias etárias e está ligado a um processo de ordenamento social, tradicional entre as sociedades ocidentais na modernidade. Atreladas às categorias etárias, surgiram os hábitos e espaços direcionados a cada grupo e a cristalização dessas divisões se deu no século XX com a institucionalização de ocasiões de transição, como a entrada na escola, o ingresso na universidade e a aposentadoria e por consequência, maior uniformidade dentro dos segmentos etários (Silva, 2008).

A compreensão da velhice a partir da idade é uma dentre várias formas de refletir sobre o processo de envelhecimento e na literatura específica encontramos outras explicações que apontam outros aspectos. Para Marques (2009), por exemplo, o envelhecimento populacional pode ser compreendido a partir das dimensões individual e demográfica. Na dimensão individual, leva-se em consideração a expectativa média de vida, enquanto que, do ponto de vista demográfico, considera-se o aumento do número de pessoas idosas na população, por conta de baixos níveis de mortalidade infantil e elevação da esperança de vida.

Enquanto fenômeno complexo e diverso, o processo de envelhecimento é vivenciado em três âmbitos: biológico, psicológico e sociocultural. Para alguns estudiosos da gerontologia, a velhice é vivenciada inicialmente no aspecto físico, cujos sinais nem sempre são percebidos pelas pessoas. As primeiras mudanças físicas mais relatadas são o aparecimento e a predominância dos cabelos brancos e, no caso das mulheres, a chegada da menopausa (Cerqueira, 2010). Tais mudanças físicas refletem no aspecto psicológico, pois demandam novas formas de subjetivação e a construção de novos sentidos para a vida, especialmente quando levamos em conta também os aspectos socioculturais da aposentadoria e das expectativas sociais com relação ao(s) lugar(es) do idoso.

Para Fonseca (2016), o processo de envelhecimento pode ser compreendido a partir de três diferentes perspectivas: envelhecimento normal, envelhecimento patológico e envelhecimento bem-sucedido. No primeiro caso, o envelhecimento ocorre sem patologias, porém, com progressiva diminuição de capacidades e elevação do risco de dependência. O envelhecimento patológico é marcado pela presença de enfermidade física ou mental que incapacita o sujeito e está associado à necessidade de cuidados externos. Já o envelhecimento bem-sucedido ou ativo, oposto aos outros dois modos, se caracteriza por indivíduos com boas condições de saúde, física e cognitiva, além de serem socialmente participativos (Fonseca, 2016).

Nesse sentido, a vivência de um envelhecimento bem-sucedido implicaria, dentre outros atravessamentos, em manter redes de sociabilidades ativas, especialmente após o período da aposentadoria, ou “reforma”, expressão utilizada no vocabulário português.

A reforma no cenário português

A chegada à reforma está associada à entrada na terceira idade e, conseqüentemente, isso gera mudanças relevantes no cotidiano das pessoas, pois o tempo que antes era preenchido pelo trabalho, agora passa a ser livre e disponível para dedicar-se ao que se desejar fazer e ser realizável.

O trabalho ocupa um espaço relevante na vida humana, no processo de subjetivação. Por vezes os sujeitos conquistam identidade pessoal e adquirem estatuto social através da função que exerceram durante anos. Com a reforma, esta realidade se altera e junto a ela podem vir somadas algumas frustrações relacionadas à perda de rotina, baixa interação social e, em alguns casos, queda no poder aquisitivo, porque a reforma acompanha a passos lentos o ajuste à inflação.

O processo de reformar-se implica em várias mudanças na vida dos sujeitos. Assim, nos casos em que o trabalho desempenha um papel de extrema importância para os indivíduos, seria interessante a utilização de medidas para amenizar as possíveis dificuldades decorrentes, da mesma forma que reformar-se gradualmente poderia impedir a interrupção brusca de acesso a contatos sociais e outros aspectos citados anteriormente, como apresenta Fonseca (2012):

No mesmo sentido vão os investigadores do Centro de Investigação sobre a Reforma do *Boston College*, quando salientam que uma transição gradual da condição de trabalhador para a condição de reformado é preferível a uma transição abrupta (Calvo, Haverstick, & Sass, 2007). Abandonar gradualmente a atividade profissional e ir incorporando o tempo disponível na rotina do quotidiano ajuda a pessoa em transição a preservar a identidade e os objetivos na vida, mantendo-se ativa e implicada socialmente. Estes autores apresentam uma revisão de estudos que têm demonstrado, sistematicamente, efeitos positivos desta transição gradual na saúde, no bem-estar e na adaptação ao envelhecimento. Assim, uma transição suave permite aos trabalhadores continuarem a desenvolver atividades semelhantes às que desenvolviam no decorrer da meia-idade, assegurando um sentido para o quotidiano, ao mesmo tempo em que se adaptam ao processo de envelhecimento. Uma reforma gradual permite, também, sublinhar oportunidades para se permanecer ativo, pessoal e socialmente, algo que tem um impacto positivo muito forte na saúde e no bem-estar individual (Fonseca, 2012, p. 81).

Todos os receios, anseios e dificuldades com a chegada da reforma demonstram o quanto estamos despreparados para refletir e enfrentar este momento, a ponto de muitas pessoas adiarem esta decisão, e outros casos que continuam a trabalhar após a reforma, até reformarem-se pela segunda vez (Fonseca, 2012).

Na contramão dos que evitam a reforma, encontramos pessoas ansiosas por reformarem-se para poder dispor de tempo livre a desfrutar de atividades voltadas para o público da terceira idade, seja em atividades da iniciativa de ações sociais ou frequentar cursos oferecidos pelas Universidades da Terceira Idade, ou Universidades Seniores. As Universidades da Terceira Idade possibilitam aos idosos que desenvolvam novos papéis sociais e estimulem a criatividade e novos aprendizados. Além disso, esses programas permitem que indivíduos possam se comunicar com outras pessoas e promover novas redes de sociabilidades (Varela, 2012). Os motivos que suscitam a busca dos idosos pelas Universidades geralmente se relacionam com a procura do convívio, em voltar a ter a vida social que se tinha antes da reforma, além de desenvolver competências cognitivas e culturais, que são medidas para lidar com a solidão e o isolamento (Marques, 2009).

As Universidades Seniores têm se mostrado uma proposta eficiente para aplacar a solidão dos seniores, por possibilitarem, antes de tudo, o contato com pessoas da mesma geração e com pessoas mais jovens.

A realidade das Universidades Seniores: resgate histórico

Assim como notamos a relevância do aumento da expectativa de vida da população e a necessidade de novas configurações de funcionamento frente a essa mudança, para educadores de adultos na Bretanha, entre os anos 1970 e 1980 também foi perceptível essa transformação populacional e a necessidade de se repensar as atividades voltadas para este público. A partir deste momento, educadores passaram a preocupar-se em desenvolver atividades educacionais e de lazer ou recreativas para que os seniores pudessem preencher o tempo livre de que dispunham (Marques, 2009).

Nesse contexto, surge na Europa a primeira Universidade da Terceira Idade, em 1972, na Universidade de Toulouse, na França, que foi aberta para pessoas reformadas durante o período das férias do verão europeu (julho a setembro), como uma maneira de encorajar a participação em grupos ativos (Pacheco, 2006). Anos depois, mais próximo ao fim da década de 1970, surge no Reino Unido um projeto similar, nas Universidades de Cambridge e de Londres. Estes dois polos de surgimento das Universidades da Terceira Idade (UTI) deram origem a duas configurações de funcionamento de UTI's, a saber, o modelo francês e o modelo inglês.

O modelo francês opera com a função de ofertar formação acadêmica aos seniores e, para tanto, contam com controle de frequência dos alunos, avaliações e disposição de diplomas. Já o modelo inglês funciona de modo mais aberto e autossuficiente. O objetivo inicial desse modelo de universidade para a terceira idade no Reino Unido era o de promover a igualdade de acesso à educação aos idosos que não tivessem passado pelo sistema educacional. Contudo, essa proposta necessitava de apoio estadual e de universidades formais para que a ideia seguisse adiante. Com a falta de investimentos, alunos tornaram-se professores e, assim, se criou um modelo distinto do francês e aberto para qualquer pessoa com um custo relativamente baixo, que não conta com avaliações e diplomas (Marques, 2009).

Mesmo sem apoio estadual ou das universidades formais, boa parte das Universidades da Terceira Idade na Europa contam com a parceria de instituições que muitas vezes cedem os espaços físicos para a realização das atividades, assim como, no caso da Universidade Sénior Contemporânea, local de desenvolvimento desta pesquisa, que funciona nas imediações de uma igreja católica.

As atividades ofertadas pelas Universidades da Terceira Idade (UTI's) geralmente incluem cursos de línguas, história, saúde, fotografia, informática, artes, teatro, música, dança, atividades físicas, além de passeios guiados. Nas instituições ligadas a universidades formais, podemos encontrar, ainda, cursos sobre o envelhecimento.

Essas Universidades emergem com a finalidade de atender as demandas dessa população, com ensino formal e informal sobre diversos saberes, não só ao aprendizado de informática, mas também de atividades recreativas. Concomitantemente, objetivam operar sobre a redução do isolamento social dos idosos, proporcionando redefinição de imagens da velhice e do idoso e sua reintegração na sociedade.

Em Portugal, a primeira Universidade Sénior surgiu em Lisboa, no ano de 1976, intitulada de Universidade Internacional da Terceira Idade, sob coordenação do Dr. Herberto Miranda, seguindo os moldes da estrutura inglesa. O surgimento da primeira Universidade Sénior em Portugal dá início a um novo cenário para a vivência do envelhecimento ativo. De acordo com Jacob (2012), no ano de 2012 havia 189 UTI's inscritas na Rede de Universidades da Terceira Idade (RUTIS).

A Universidade Sénior Contemporânea do Porto, local onde desenvolvemos a pesquisa, data seu início no dia 18 de maio de 2005, a partir da iniciativa dos diretores, a Professora Doutora Marta Loureiro dos Santos e o Professor Doutor Artur Filipe dos Santos, em criar um espaço de aprendizado para os idosos dispostos a adquirir novos conhecimentos e aprimorar outros.

Os diretores, que já possuíam experiência em ministrar aulas em outra Universidade Sénior, decidiram desenvolver o projeto após muitos pedidos de ex-alunos e, progressivamente, a Universidade cresce ano a ano e hoje conta com aproximadamente 300 alunos e dez professores voluntários. Os alunos da Universidade possuem idade igual ou superior a 65 anos e a faixa etária dos professores está entre 38 e 46 anos.

As atividades da Universidade Sénior Contemporânea da cidade de Porto ocorrem nas dependências da Paróquia Nossa Senhora de Fátima do Amial, a qual aluga salas para uso da Universidade. As aulas ocorrem de segunda-feira a quinta-feira, entre as dez da manhã e as sete horas da noite. As sextas-feiras são livres para marcação de visitas, passeios e viagens em grupos que podem se estender pelo final de semana.

Assim como as atividades de lazer têm sua importância, a Universidade preocupa-se também com atividades acadêmicas a respeito do tema envelhecimento. No ano de 2007, criaram a primeira revista de Gerontologia de Portugal, a Revista Transdisciplinar de Gerontologia, que objetiva tratar dos diversos aspectos da terceira idade e conta com as contribuições de várias áreas do conhecimento, como Psicologia, Sociologia, Medicina, Educação Social e outras.

Objetivos

O objetivo geral deste estudo foi o de investigar, junto a idosos matriculados no curso de Internet, oferecido pela Universidade Sénior Contemporânea, os sentidos que eles atribuem ao uso do computador e de novas tecnologias. Assim, intentamos compreender de que maneira as ferramentas oferecidas pelo meio digital são utilizadas e quais as contribuições que elas trazem para a sociabilidade dos idosos, segundo a percepção deles mesmos. Como objetivos específicos, destacamos:

- a) Caracterização geral dos participantes do curso de Informática “Avançado” em relação ao perfil dos idosos, como idade média, gênero, estado civil, fontes de renda, tipo de residência, com companheiro(a), com familiares ou sozinho(a), rotina diária, lugares que frequenta, atividades que desenvolve, uso de computador no ambiente doméstico e domínio e uso de outras tecnologias, como câmeras fotográficas digitais, aparelho celular, manuseio em caixa eletrônico e outros.
- b) Mapeamento das concepções dos idosos sobre as relações pessoais estabelecidas através das novas tecnologias, em específico a internet e as redes sociais.
- c) Investigação, junto aos idosos, acerca das dificuldades encontradas no processo de apropriação das tecnologias de informática e a contribuição desse aprendizado para acesso de outras ferramentas tecnológicas.

d) Compreensão de como essa população avalia as relações pessoais via internet, e percebe a existência de aspectos que julgam positivos e/ou negativos no contato com o mundo virtual.

Metodologia

Os dados da pesquisa foram coletados por meio de entrevistas junto a seis idosos participantes do curso de Internet, oferecido pela Universidade Sénior Contemporânea, do Porto. O período de realização do estudo ocorreu durante os meses de abril a junho de 2016. Durante esses três meses, frequentamos as aulas de vários cursos da Universidade Sénior, a fim de poder construir um vínculo que propiciasse o desenvolvimento do estudo e da observação-participante.

As entrevistas contaram com questões fechadas e semiabertas. As questões fechadas foram confeccionadas para realizar uma caracterização geral do perfil dos entrevistados, atentando para diversos aspectos, dentre eles: idade, sexo, tipo de residência (se mora sozinho/a ou acompanhado/a), tempo de frequência no curso de informática do projeto, tempo de uso e local onde acessa o computador e a internet (se em domicílio próprio, de familiar/amigo ou na faculdade), endereços eletrônicos mais acessados e outras. Em relação às questões semiabertas, foram feitas perguntas relacionadas a como os idosos avaliam o uso do computador, mais especificamente da internet e das redes sociais, como eles usam essas ferramentas, se esse acesso trouxe benefícios/contribuições ou não, se houve expansão dos vínculos sociais e de que maneira, dentre outros.

Os dados obtidos foram analisados a partir do método de Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (2009). Tal método se caracteriza como uma técnica investigativa a fim de descrever de forma objetiva, sistemática e quantitativa o conteúdo da informação. Esse método de análise se constitui por um conjunto de técnicas caracterizadoras das condições produtivas do discurso. Considera, também, as significações e o conteúdo da fala, ocasionalmente a forma e distribuição desses conteúdos, na tentativa de conhecer os elementos existentes por trás das falas e das palavras (Bardin, 2009).

As entrevistas foram gravadas e transcritas, e posteriormente codificadas e classificadas nas categorias de análise, baseadas em unidades de sentido previamente estabelecidas. Como categorias gerais de análise previamente estabelecidas, com base na literatura e nos objetivos da pesquisa, estão aquelas referidas às percepções e avaliações das experiências de contato com a informática, por exemplo, consequências na vida prática, reflexos na autoimagem, mudanças nos relacionamentos com os pares da mesma idade e com os jovens, ressonâncias em sentimentos de isolamento e de solidão, impactos na comunicação, ressonâncias nos vínculos afetivos e sociais, desdobramentos no manuseio de outros artefatos tecnológicos digitais, consequências na agilidade motora e do pensamento, reflexos nos sentimentos de segurança e autoconfiança.

A discussão e interpretação dos resultados foram realizadas mediante comparações entre as categorias e com resultados de outras pesquisas levantadas na literatura e referenciais teóricos situados no campo da gerontologia.

A realização deste estudo foi possível através do financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a partir do programa de Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE), destinado a pesquisadores já vinculados à fundação, com estudos em desenvolvimento no Estado de São Paulo. No nosso caso, desenvolvemos a pesquisa intitulada *Terceira Idade e Novas Tecnologias: Experiências de idosos na apropriação e uso da internet*, em andamento, com a participação de idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis, SP, Brasil.

Resultados e Discussão

Foram entrevistados seis idosos matriculados no curso de Internet da Universidade da Terceira Idade, sendo três homens e três mulheres. As aulas desse curso ocorrem às quintas-feiras, com duração de uma hora e meia. Todos frequentam a Universidade Sénior há pelo menos três anos e fazem o curso de informática há mais de dois anos. Com relação ao perfil dos participantes da pesquisa, a idade varia de 66 a 73 anos, e dentre os seis, quatro são casados e vivem com seus respectivos cônjuges e dois são solteiros, dos quais um reside com o pai e outro mora só.

Todos são aposentados, porém dois ainda exercem atividade remunerada. Os participantes do estudo se dedicaram às seguintes formações: Advogado, Bancário, Enfermeiro e Vendedor de Imóveis.

Todos possuem computador com acesso à internet em suas residências. Quando perguntados sobre o uso de outros instrumentos e eletrodomésticos no ambiente de seus lares, os idosos citaram os seguintes itens, em ordem decrescente: televisão, geladeira, máquina de lavar roupas, vídeo, máquina de lavar louça, computador, microondas, fogão, smartphone, torradeira, ferro de engomar. No geral, os entrevistados afirmam que não encontram dificuldades para utilizar esses instrumentos. Já sobre os aparelhos utilizados com maior frequência fora do ambiente doméstico, os idosos elegeram o celular ou *smartphone* e *tablet*. Uma das entrevistadas afirmou utilizar um celular de modelo mais antigo para fazer ligações porque ainda não se habituou completamente ao *smartphone*.

O primeiro contato dos idosos entrevistados com o computador ocorreu no espaço de trabalho, assim como com a internet. Inicialmente, de acordo com relatos, todos conheceram e manuseavam essas ferramentas estritamente no ambiente laboral. Com o tempo, levaram o costume do uso do computador para o interior da casa. Apenas uma das idosas entrevistadas passou a utilizar o computador para uso pessoal após a entrada no curso de Internet da universidade, quando comprou um *notebook* com o propósito de frequentar as aulas para aprender a manusear o computador e navegar na internet.

Sobre os primeiros contatos com o computador, uma das entrevistadas afirmou ter sentido uma dificuldade acentuada no manuseio da máquina, conforme seu depoimento:

“Ai, muito complicado, pra mim era, eu trabalhei ainda a utilizar computadores, e, portanto, eu achava que isso era uma monstruosidade, assim uma coisa, um absurdo pra mim e eu até escrevia em alguns inquéritos, ‘o computador pra mim é um bicho de sete cabeças’, porque era muito complicado, mesmo.” (E1).

As dificuldades na utilização do computador e da internet são um fato comum entre as pessoas mais velhas, conforme constatamos em algumas pesquisas realizadas no cenário português.

Gomes (2014) realizou um estudo com 25 idosos de uma Universidade Sénior Portuguesa, com o objetivo de compreender as razões motivacionais de idosos para a procura por cursos de informática para a terceira idade e analisou, posteriormente, as contribuições desse aprendizado para o bem-estar dos mesmos. De acordo com a pesquisa, as principais dificuldades dos longevos no contato com as novas tecnologias recaem sobre a memorização (44%), aprendizagem (28%), programas informáticos (12%) e falta de bases (16%). Já segundo Garcia (2001), as dificuldades dos idosos no manuseio das novas tecnologias estão relacionadas com o medo e a resistência a aprender a utilizar essas ferramentas, por acreditarem que farão uso do computador de forma equivocada e receio de provocar danos à máquina. Para o autor, uma estratégia para sanar esse sentimento nos idosos está em orientar, incentivar o aprendizado e respeitar o tempo de apropriação dos conhecimentos dos idosos no manuseio do computador.

Santana, & Leeson (2013) afirmam que, geralmente, pessoas mais jovens utilizam os aparelhos eletrônicos com mais facilidade do que os longevos, que não se sentem confortáveis para manusear as ferramentas tecnológicas e desacreditam que possuem habilidades para aprender a utilizar esses aparelhos.

Os jovens pertencem a uma geração nascida num ambiente altamente tecnológico; sendo assim, estão habituados a conviver com os mais diversos aparelhos repletos de comandos e botões especialmente no formato digital, diferentemente dos idosos de hoje que nasceram em outra época e cresceram em contato com o universo analógico, com a válvula, tecnologias essas que solicitam muito mais do esforço manual (Kachar, 2003).

Mesmo com algumas dificuldades iniciais no manuseio de novas tecnologias, notamos que os idosos apresentam boa disposição para novos aprendizados, especialmente para poder incrementar a comunicação com outras pessoas:

“(...) até o Facebook, ainda não me habituei, mas vou ver se uso mais o Skype para falar, por exemplo, para o Brasil, passo um jeito, pra falar pelo Skype, mas ainda não tenho assim muito à vontade, pra usar, mas vou ver se treino porque vai me ser útil, até porque são grátis as chamadas, não é?! E agora com o smartphone ainda é mais fácil, pronto, vou ver se consigo treinar isso.” (E6).

A fala desta participante nos encaminha para a reflexão sobre os motivos que impulsionam os idosos a buscarem os cursos de informática, revelando por trás de cada motivação a vontade e disposição para o aprendizado.

Sobre os motivos que levaram os idosos a buscar o curso de Internet, os principais aspectos relatados são a intenção de atualizar-se e a possibilidade de contato social. Por exemplo, para um dos entrevistados, atualizar os conhecimentos já existentes e dominar as novas tecnologias com mais agilidade é um motivo secundário, pois ele afirma que poderia fazer o curso em uma escola de informática convencional. Por outro lado, ele pondera que não haveria tantas oportunidades de convivência com outras pessoas.

A busca pelo convívio é um fato que nos chama muita atenção, considerando-se que mais da metade dos participantes são casados e vivem com os cônjuges. Isso demonstra o interesse da população deste estudo em criar outros laços para além do matrimônio e ampliação da rede de contatos e revela a importância do contato social entre os idosos para diminuição da sensação de solidão.

Rodrigues (2012), em um estudo empírico semelhante ao nosso, pôde perceber que idosos de algumas Universidades Seniores da cidade de Lisboa costumam buscar por envolver-se com as Universidades para a Terceira Idade, com o objetivo de ampliar a rede de contatos, além do interesse na aquisição de conhecimentos e, geralmente, os laços tecidos em meio a Universidade se expandem para além dos limites físicos da UTI.

Quando perguntados sobre as atividades desenvolvidas habitualmente por meio do computador e da internet, os entrevistados responderam que utilizam essas ferramentas para diferentes finalidades, como pesquisas sobre viagens, restaurantes, traduções de textos, navegação no *Facebook*, visualização e escrita de e-mails, transações bancárias e até pesquisas sobre genealogia familiar.

Apesar de todos os participantes possuírem conta na rede social do *Facebook*, eles afirmam que não utilizam as redes sociais com tanta frequência. Apenas um dos entrevistados utiliza *WhatsApp*, enquanto uma das idosas desconhece o que seja e como funciona este aplicativo para *smartphones*. Outra participante possui conta nas redes *Twitter* e *Instagram*, mas dificilmente as acessa, por falta de interesse.

Os entrevistados afirmam fazer uso da internet e das redes sociais para se comunicar com amigos e parentes, mas principalmente com familiares que se encontram muitos distantes fisicamente, em outros países ou noutro continente.

Ao perguntarmos se sentiram mudanças em suas vidas após o uso do computador e da internet se tornar mais frequente em suas vidas, alguns afirmam notarem diferenças em suas vidas:

“Sim, noto, porque ocupo mais tempo por volta do computador.”
(E2).

“Sim, embora faz falta o convívio, porque eu acho que este meio de comunicação desumanizou muito a sociedade, até os jovens. Os jovens hoje impressionam-me, sobrinhos, já tenho um lá em casa que está acá a trabalhar num estágio, e é impressionante o uso do telemóvel (celular), isso, penso que desumaniza, eu prefiro o convívio direto, mas, noto em mim essa diferença que eu prefiro sempre o convívio pessoal, por exemplo, eu ainda não aceito muito bem se me quiseram dar os parabéns não me liguem, ou não encontrem comigo, parabéns, feliz aniversário, assim, mas na maioria vejo que não é assim, as pessoas preferem, é mais rápido, e muitas vezes se calhar, mais arriscado porque eles usam o telemóvel até a conduzir, e tem acidentes, por esse motivo nunca tive, mas vejo que é mais arriscado a juventude, usar esse tipo de comunicação, e depois ficam muito introvertidos, quase que depois não sabem conviver.” (E3).

A resposta do participante E3 se destaca por apresentar o ponto de vista de uma geração sobre outra, a qual constrói uma crítica aos hábitos cibernéticos dos jovens, assim como Sousa Junior (2015) que tece reflexões sobre a vida virtual na contemporaneidade baseado nas constatações desenvolvidas por Zigmunt Bauman. A vida social passou a se constituir em rede e o contato face a face se modificou para o contato tela a tela, porque o contato virtual está disponível a quase todo o instante em computadores, *smartphones* e *tablets*. E essa situação se aplica principalmente aos jovens e adultos, nas palavras do autor: “claramente vemos a dependência dos jovens em acessar a internet, algo praticamente indispensável para estes, que querem se divertir, jogar, conversar, ou algo mais. Mas não mais presencialmente, como há décadas atrás, mas pelo prazer de estar *online*” (Sousa Junior, 2015, p. 64).

Outros relatos de entrevistados, por sua vez, apontam que eles não notam diferença em seus cotidianos, com o uso do computador e da internet:

“Não, não, é a mesma coisa, mudou um pouco porque eu estava, eu até há dez anos, nove, dez anos, trabalhei, tive mais contatos, porque era enfermeira, trabalhava a nível de... tinha muita gente, com quem contactar, nunca estava sozinha; fui pra casa, fiquei mais só, arranjei Universidade, já compensa um bocado; portanto, a internet é o complemento.” (E4).

“Se calhar, até tem diferenças, mas eu não notei porque faço minha vida normal, por outro lado, eu não abdiquei de coisas para estar em internet, utilizar a internet; nem por outro lado, não abdiquei, mas também não, pessoalmente não estou a ver assim mais coisas se não tivesse internet.” (E5).

Os dois entrevistados afirmam que, para eles, a internet e o “estar conectado” representam um adicional na vida social e não uma regra que toma conta de suas vidas, como nas palavras de Nicolaci-da-Costa (2005, p. 54), a respeito das relações virtuais e reais: “(...) os relacionamentos virtuais são um complemento para os “reais” e não um substituto para estes”.

A respeito das vantagens e desvantagens do uso do computador e da internet comparado com a carta e o telefone para se comunicar, todos os participantes admitiram que a carta já não é mais utilizada e hoje se tornou mais dispendiosa que a internet; porém, para um idoso entrevistado, a internet não nos possibilita guardar coisas memoráveis, diferentemente da carta que pode ser armazenada por um longo período de tempo e revisitada todas as vezes que desejarmos.

A observação deste idoso nos remete a outro fenômeno comum do mundo tecnológico: a transformação de coisas físicas em arquivos impalpáveis. Os livros são digitalizados e transformados em arquivo formato PDF, as músicas são arquivos MP3 e as fotos em JPG, todos são dados em formato e configuração para serem armazenados no computador, *tablet*, celular e dispostos também na rede, na “nuvem”. Tal reflexão nos parece comum entre pessoas de uma geração de leitores de livros físicos, de ouvintes do rádio e compradores do disco de vinil, fita cassete e CD, numa época em que fotografias eram reveladas dos negativos de rolos fotográficos.

Em contrapartida, uma das entrevistadas tece considerações mais favoráveis ao uso da internet como meio de comunicação:

“Ai, eu só vejo vantagem, veja, porque com a carta é muito chato, estar a ter que escrever a carta, e aí comprar o selo, enviar pelo Correio, etc.; não, agora a internet, e-mail, enviar já está, muito mais confortável.” (E4).

O telefone, em comparação com a internet, ainda é preferível para dois participantes, que alegam ser esse meio mais pessoal e mais direto:

“Entre telefone e internet? Eu prefiro telefone, portanto, se é uma situação que a pessoa precisa resolver no momento, a pessoa usa o telefone e não a internet.” (E1).

Sobre as facilidades de utilizar a internet, uma das entrevistadas relatou:

“Há vantagens, no meu caso, aquilo que eu tenho mais facilidade, desde logo a questão da comunicação com o meu filho que está longe, e depois para o tratamento de alguns assuntos que antigamente nós tínhamos que nos deslocar a repartições, ou aqui, e agora, pela internet consegue-se fazer a mesma coisa, até nas viagens, nós fazíamos antigamente, há pouco tempo fui com a minha filha, que ela não conhecia, e com a minha mulher, fomos a Barcelona, e nós por telemóvel, compramos bilhetes para ir aos museus, foi muito mais rápido, mais cómodo, portanto, nesse aspeto tem umas vantagens muito, porque antigamente nós chegávamos lá, e eu cheguei a fazer uma viagem, por exemplo a Itália, em Florença passei a um museu, queríamos lá visitar várias situações, acabamos por isso ir a só dois museus, porque tínhamos que esperar uma fila enorme, para tirar os bilhetes, era pago, e com a internet facilitou, chegava, tirava, ainda aquela altura não usava.” (E5).

Quando questionados se acreditam que o uso do computador e da internet ajudam ou atrapalham as relações sociais, todos os idosos afirmaram que ajuda, porém, alguns fizeram o contraponto de que pode atrapalhar, ou causar desconfortos, como ser insultado na internet, sofrer *bullying* ou provocar um afastamento físico entre as pessoas.

“Por um lado sim, mas pro outro lado acho contraproducente o uso abusivo de horas que muitos jovens e até não jovens passam na internet. (...) Não há aquela presença que havia antigamente, as pessoas vão todas no seu mundo, ouve música, ouve qualquer coisa, e às vezes até pensa assim, “realmente estamos num mundo em que realmente as pessoas estão presentes mas estão ausentes, ao mesmo tempo, porque não estão ali”, não estão ali, não estão ali naquele, no autocarro, elas estão em outro lado qualquer, é isso que eu acho estranho, acho estranho é isso porque eu acho que a internet não é só a internet, porque há quem diga que as pessoas ficam dependentes da internet e isso também é uma doença, é isso que eu acho. Mas eu acho que isso, também, porque não, as pessoas têm que ligar a quem está ao lado, também, não é estar sentada lado a lado, mas não está ali, não está ali presente, está ausente, está no mundo deles, estão a ver o que eles quiserem, sei lá, não sei se me fiz explicar.” (E6).

No excerto da entrevista número 6, acima, percebemos a preocupação dos idosos com jovens e adultos sobre o uso desenfreado das novas tecnologias que, por vezes, toma conta da maior parte do tempo de vida desses segmentos etários, os quais se dedicam muito mais aos relacionamentos virtuais em detrimento dos relacionamentos reais e ficam imersos no ciberespaço. Como alerta Sousa Junior (2015), há pessoas que ao navegar na internet “mergulham” na rede e passam noites e madrugadas imersas neste ambiente, tornando-se viciadas e dependentes da vida no espaço virtual.

Leitão e Nicolaci-da-Costa (2005), baseadas em estudo empírico, alertam para o aumento do número de casos clínicos envolvendo o uso abusivo da internet e indicam que alguns jovens e adultos se sentem seguros a representar personagens no espaço virtual e constroem relações amorosas, assim como um dos entrevistados expressa tal aspecto em sua fala:

Pode, pode, pode ajudar, mas também tem seu lado pernicioso; portanto, nós sabemos que inclusivamente até relacionamentos que às vezes vêm da internet, as coisas correm um bocado torto; portanto, mas tem, pode, pra essa situação... uma coisa é estar a falar pessoalmente e mesmo assim enganarmos, a falar para um computador, por telemóvel, uma rede social, não se vê, e além de não se ver, há uma coisa muito importante, é que uma pessoa à frente de um computador, aquilo é impessoal, e uma pessoa é capaz de dizer coisas que pessoalmente, se calhar por covardia; portanto, aquelas pessoas que têm, que fazem isso já de má fé, se calhar pessoalmente não conseguiria dizer, e à frente do computador escrevem ou dizem, porque como é impessoal dá pra dizer tudo, portanto, tem vantagens, tem muitas vantagens, mas também tem que se ter um bocado de cuidado, como quase em todas as outras situações, tem que se ter um bocado de cuidado naquilo que confirmar sempre tudo aquilo que as tecnologias nos dá.” (E5).

Todos os idosos entrevistados afirmaram ter boa convivência com jovens, apesar do contato não ser frequente e se dar mais em nível familiar, com netos e outros jovens do ambiente parental. Na Universidade Sénior Contemporânea, os professores estão na faixa etária que corresponde de 38 a 46 anos, sendo assim, os idosos portugueses têm poucas oportunidades de estabelecer relações intergeracionais. Com relação à convivência com pessoas da mesma idade, todos admitem que o convívio é satisfatório e a Universidade se caracteriza como um ambiente propício para ter contato com outras pessoas e manutenção da vida social.

Conclusão

Os idosos e idosas entrevistados neste estudo trazem olhares e sentidos bastante pertinentes para o uso da internet e das redes sociais pelos mais velhos, especialmente se pensarmos nas formas de sociabilidades entre eles.

Os seniores portugueses procuram os serviços da Universidade especialmente para o convívio com pares da mesma idade e outras pessoas que não pertençam ao ambiente familiar. Assim, o que de fato interfere na sociabilidade dos idosos portugueses são as interações sociais em nível físico nos espaços da Universidade ou nos momentos destinados à lazer, em Tardes Culturais, Passeios. O contato virtual existe, contudo, não é preponderante para esta população que se mostra preocupada com a perda do contato físico por conta da influência direta das novas tecnologias no cotidiano, assim como um participante aponta:

“(...) mas a televisão hoje permite que as pessoas façam um retro-agir do programa, façam um retrocesso ao programa, e ele permite ir buscá-lo outra vez, pode não ver na altura, embora todos nós gostamos sempre de saber as coisas no momento, mas pode-se jantar ou almoçar sem ver a televisão, e depois chamar a notícia atrás, são coisas que enquanto o encontro pessoal passa e não é mais repetível, as notícias podem ser chamadas.” (E5).

Podemos considerar que as novas tecnologias não desempenham um papel determinante na vida destes seniores, porque todos estão acostumados a lidar com o computador desde a fase laboral de suas vidas, ou seja, não é uma novidade que faça prender a atenção por um longo período de tempo. Contrariamente aos participantes da pesquisa que estamos desenvolvendo no Brasil, alguns tiveram o primeiro contato com o computador ou internet nas aulas de informática, condição esta que pode ser atribuída a fatores econômicos. A população de uma Universidade Sénior de uma cidade brasileira (do interior) tende a ter menor poder aquisitivo, menor formação profissional e acadêmica quando comparada com uma cidade de grande porte da Europa.

O fato do uso das novas tecnologias não incidir diretamente na vida dos seniores frequentadores do curso de Internet interfere também nos hábitos virtuais dos mesmos, que se mostra mais interessada em desenvolver pesquisas, redação de textos e para transações bancárias e não tanto para o uso de redes sociais.

Podemos supor que, pelo fato de os idosos sujeitos desta pesquisa terem utilizado o computador por tanto tempo em seu período de vida laboral, talvez queiram desfrutar de outras sociabilidades que não são, necessariamente, mediadas pelos atuais meios de comunicação. Nesse sentido, a apropriação e o uso da tecnologia são coadjuvantes para o “estar junto” com o outro, que se tece na busca de forma mais clara e palpável nos encontros entre os idosos na Universidade Sénior da qual eles fazem parte. Em virtude disso, pudemos vislumbrar, com os sujeitos da pesquisa, outras possibilidades de sociabilidades, baseadas em uma tentativa de equilíbrio entre o mundo virtual e a realidade presencial mais imediata.

Acreditamos que este estudo contribuiu para que tivéssemos a possibilidade de visualizar as diferentes perspectivas de uma geração sobre a outra (os idosos sobre os jovens) a respeito dos laços sociais que criamos na atualidade e os conflitos: o virtual e o real, o que é “estar com o outro”, o que é valorizado quando falamos de hábitos cibernéticos. Consideramos importante que esses olhares possam ser trocados e debatidos entre gerações, a fim de que novas aprendizagens e novos sentidos possam ser construir nos encontros dos idosos e dos jovens, seja no ambiente virtual ou presencial.

Por fim, entendemos que a investigação se ampliou para além do pensar sobre a apropriação e uso do computador e da internet. Os dados da pesquisa contribuíram para problematizar os vínculos que tecemos, nos fazendo refletir sobre as ressonâncias da vida social, virtual ou real, nos processos de subjetivação, ou seja, entendemos que o estudo pode trazer contribuições para a Psicologia e áreas afins.

Referências

- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Coimbra, Portugal: Edições 70.
- Cerqueira, M. M. (2010). *Imagens do envelhecimento e da velhice: um estudo da população portuguesa*. Tese de doutorado. Universidade de Aveiro, Portugal.
- Fonseca, A. M. G. (2012). Do trabalho à reforma: quando os dias parecem mais longos. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Número temático: Envelhecimento demográfico, 75-95.

- _____. (2016). Fundamentos psicológicos para um envelhecimento ativo. *In*: Pimentel, L., Lopes, S. M., & Faria, S. (Orgs.) *Envelhecendo e aprendendo: a aprendizagem ao longo da vida no processo de envelhecimento ativo*, 19-43. Lisboa, Portugal: Coisas de Ler.
- Garcia, H. D. (2001) *A terceira idade e a internet: uma questão para o novo milênio*. Dissertação de mestrado em Ciência da Informação), Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, Brasil.
- Gomes, M. E. C. (2014). *Inclusão digital na terceira idade: a integração das TIC numa escola superior sénior*. Dissertação de mestrado em Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal.
- INE. (2011). *Censos 2011: Resultados Definitivos*. Portugal.
- Jacob, L. (2012). *Universidades Seniores: Criar Projectos de Vida*. Almeirim: RUTIS, Associação Rede de Universidades da Terceira Idade.
- Kachar, V. (2003). *Terceira Idade & Informática: aprender revelando potencialidades*. São Paulo, SP: Cortez.
- Leitão, C. F., & Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Impactos da internet sobre pacientes: a visão de psicoterapeutas. Maringá, PR: *Psicologia em Estudo*, 10(3), 441-450.
- Marques, M. M. (2009). *Bem-estar académico em alunos das Universidades da 3ª Idade em Portugal*. Dissertação de mestrado em Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa, Portugal.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicologia & Sociedade*, 17(2), 50-57. Recuperado em 01 julho, 2016, de: http://www.feiramoderna.net/download/artigos/NICOLACI-DA-COSTA-AnaMaria_Sociabilidade-virtual-separando-o-joio-do-trigo.pdf.
- Pacheco, J. L. (2003). As Universidades Abertas à Terceira Idade como Espaço de Convivência entre Gerações. *In*: Von Simson, O. R. M., Neri, A. L., & Cachioni, M. (Orgs.). *As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil*, 223-250. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Rodrigues, R. E. P. A. (2012). *Universidades da Terceira Idade: Duas décadas de intervenção em Portugal*. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Santana, C. S., & Leeson, G. (2013). Elderly Users' Perspective on the use of technology in daily life: a comparative study of a sample in the UK and Brazil. *In*: *Inteligencia Artificial*, 18(55), 35-49. Recuperado em 01 julho, 2016, de: doi: 10.4114/ia.v18i55.1101.
- Silva, L. R. F. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. Rio de Janeiro, RJ: *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, 15(1), 155-168. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009>.
- Sousa Junior, J. D. (2015). Internet, Facebook e privacidade sob uma perspectiva de 44 carta do mundo líquido moderno de Zigmunt Bauman. *Revista Húmus*, 5(14), 56-74. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/3968>

Varela, C. C. B. (2012). *O impacto dos cursos TIC das Universidades Sénior na Inclusão Digital da Terceira Idade*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Portugal. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Recebido em 05/09/2016

Aceito em 30/12/2016

Bruna Giovanna Buesso da Silva - Aluna do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis.
E-mail: brunabuesso@yahoo.com.br

Mariele Rodrigues Correa - Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia Social e Educacional da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis.
E-mail: mariele@assis.unesp.br

António M. Fonseca - Professor Associado da Universidade Católica do Porto, Portugal.
E-mail: afonseca@porto.ucp.pt